

temos mais consultas de desenhos do que textos... Sei que em relação à média de consultas do jornal estamos [o DNJ] francamente bem. Fartam-se de me dizer que estamos de parabéns.

QUÊS A Internet ainda está pouco divulgada em Portugal. Em regra são os estudantes universitários e os trabalhadores de algumas empresas que têm acesso à Internet. Isso não se reflectiu no DNJ através de um aumento da média de idades dos colaboradores?

Manuel Dias: Não sei. Ainda esta semana publicámos um desenho de um miúdo de doze anos... Mas realmente nós tomámos precauções por iniciativa nossa porque pensávamos que isso ia mesmo acontecer. Pensámos em quem é que domina neste momento os computadores: é pessoal das universidades, é nas empresas e assim por isso se calhar justifica-se subir pelo menos mais dois andares a faixa de colaboração. E também porque o conceito de jovem, cartão jovem... os benefícios também estão a subir cada vez mais e...

QUÊS É como a questão do jovem agricultor: até aos quarenta anos...

Manuel Dias: Por exemplo, o DN Radical está anunciado para os sub-trinta, não é?
[...]

A «Cultura da Empresa» Diário de Notícias:

QUÊS Imaginemos que chega aqui uma pessoa que não conhece de lado nenhum e que começa a falar consigo estando você no papel de funcionário do DN e lhe pergunta: «Então lá no Diário de Notícias qual é a cultura da empresa?». Conseguia apontar assim duas ou três frase-chave que as pessoas que lá trabalham, pelo menos implicitamente, interiorizam sobre o seu trabalho e sobre a empresa?

Manuel Dias: A primeira vez que vi escrita essa expressão «Cultura da Empresa» foi num inquérito que eles [a administração] promoveram agora a nível de todos os funcionários da casa e que eu espero venha a ter algumas consequências positivas na relação entre os trabalhadores e a gestão da empresa. (Pausa) Fazer do jornal, ou o jornal ser um jornal de referência/liderança de mercado, acho que são aquelas orientações mais fortes

que marcaram uma das linhas essenciais da cultura da empresa. O amor à camisola, acho que também é uma coisa importante, embora eu sinta que... Eh pá, eu trabalho lá há 26 anos, de maneira que já conheci muitos momentos diferentes...



Edifício do Diário de Notícias há alguns anos.

QUÊS Muitos directores por exemplo...

Manuel Dias: Pois, mas mesmo alterações mais profundas do que pessoas, mesmo de funcionamento e de... Houve alturas em que eu passava lá...

QUÊS 26 anos apanhou tudo! O Saramago e aquela confusão do 25 de Abril! (Risos)

Manuel Dias: Entrei meia dúzia de meses antes do 25 de Abril. Mas o que eu queria dizer é que houve alturas em que eu passava lá a noite a trabalhar. Não há nenhum sítio onde eu tenha estado tanto tempo da minha vida como no Jornal. Nem na casa dos meus pais, nem em todas as outras casas onde já vivi, portanto, é o sítio onde passei mais tempo. [...] E antigamente eu sentia em relação às pessoas e em relação ao próprio edifício um apego que hoje, infelizmente, não sinto. Não acho que tenha sido por quebra de fidelidade da minha parte, mas é pela diferença que se introduziu no modo de funcionamento da coisa. Uma pessoa agora entra e tem os seguranças... Essas coisas são necessárias, mas... Aquilo fecha muito mais cedo, apagam-se as luzes... Antigamente, nesse aspecto, o amor à camisola a solidariedade entre as pessoas eram coisas muito mais efectivas. Neste momento, sei que a empresa se esforça por isso, pela dedicação, pelo empenhamento das pessoas... Sei que

há sectores, designadamente na redacção, onde a maior parte das pessoas dá o couro, pá, o que seja necessário, ninguém atende se é o dia da folga, se não é o dia da folga. Por exemplo, ontem, saí de lá eram cinco da manhã [a entrevista realizou-se no dia seguinte à tão publicitada alteração de grafismo do DN], porque foi o dia em que era necessário testar as coisas todas, mas toda a gente saiu a essa hora. O pessoal ficou lá, nem foi jantar, compraram lá umas sandes e uns frangos e puseram-se lá numa sala e o pessoal ia, comia e continuava [a trabalhar]. Mas resumindo: há a preocupação de liderar o mercado na área do jornalismo diário, de ser o jornal de referência de qualidade.
[...]

O Jornalismo:

A ética:

QUÊS O que é que o preocupa mais no jornalismo português de hoje?

Manuel Dias: (Sorrindo) Que aconteçam coisas como aquela do outro dia como o caso do Record! (Pausa) Uma certa fantasia... a dar notícias. Eu sou daquela "velha guarda" de começar a fazer sínteses, do rigor... É evidente que não estou agarrado a esse tipo de modelo, a coisa não tem que ser absolutamente seca mas é necessário fazer a distinção entre aquilo que é minimamente objectivo e depois a parte de opinião. Isso é uma coisa, outra coisa é a - não sei se lhe hei-de chamar - leviandade com que às vezes se avança com uma informação. Temos sempre que pensar que atrás das notícias e à frente das notícias estão pessoas. Há coisas que depois são irreversíveis. Por muitas desculpas que eu peça depois, ou por muitas correcções que eu faça, uma coisa, calúnia que se levantou ou algo do género, é impossível de se remediar em caso de erro. Naturalmente isso também não pode levar ao imobilismo, se não se correr às vezes certos riscos, se calhar os casos célebres do jornalismo nunca tinham acontecido. É necessário haver sempre um grande equilíbrio e ponderação.

